

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

3. Que coisa é um irmão?

Responsável EBP: Alberto Murta

Participantes: Elisa Martins, Simone Vieira, Tânia Martins

Se a escolha deste tema toca a dimensão da fraternidade, eis aí que podemos recorrer à luta entre os irmãos que Freud [1912 (1912-13)], corajosamente, discorreu ainda em “Totem e tabu”. É no contexto do mito freudiano que os irmãos, sendo rivais uns dos outros, no tocante às mulheres, aliam-se para vencer o pai. Cada irmão desejaria “como o pai, tê-las todas para si, e na luta de todos contra todos a nova organização sucumbiria. Nenhum era tão mais forte que os outros, de modo a poder assumir o papel do pai” [p. 220]. Em face dessa situação, a organização primitiva encontrava-se fadada a desaparecer. Logo, como extrair a lógica dessa *coisa/irmão* inerente ao mito freudiano?

Freud sugere uma leitura quando sinaliza que os irmãos, nesse contexto específico, instituíram a proibição do incesto. Dessa maneira, eles renunciavam às mulheres, não só as que desejavam, mas também pelas quais haviam eliminado o pai. É sob essa condição que eles salvam a organização/família.

Para achar pontos de aproximação com esse tema, faz-se necessário extrair as consequências desse momento crucial de surgimento da família, à luz do ensino de Lacan. No *Seminário O Desejo e sua interpretação*, Lacan [1958-1959] nos adverte que o segredo da psicanálise se inscreve enquanto $S(\mathcal{A})$. O que isso quer dizer? Lacan sustenta que este é o grande segredo: “não há Outro do Outro” [p. 322]. Parece-nos que podemos desenvolver, nessa conversação, que a *coisa* que diz respeito ao irmão toca a dimensão do gozo.

Lacan [1971], no *Seminário De um discurso que não fosse de semblante*, estabelece a ligação entre o *Totem e Tabu* e a segunda tópica freudiana. É nesse momento que ele observa o seguinte: “a grande inovação da segunda tópica é o supereu” [p. 166]. É nessa mesma página de seu seminário que emerge a indagação:

Qual é a prescrição do supereu? Ela se origina precisamente nesse pai original mais do que mítico, nesse apelo como tal ao gozo puro, isto é, à não castração. Com efeito, que

diz esse pai no declínio do Édipo? Ele diz o que o supereu diz [...]. O que o supereu diz é: *Goza!*

Podemos desenvolver uma articulação dessa ordem do supereu não só com o pai original, mas também com o advento dos irmãos que se insurgem contra esse pai. O pai, lido por Lacan (1960/2005) nesse mito freudiano, é aquele que não se encontra submetido à castração, logo, goza-se livremente. No instante em que o pai original é assassinado pelos filhos, isto é, por uma ação entre irmãos, a prescrição do supereu incide de tal maneira que esse pai, estando morto, “proíbe o desejo com eficácia” [p. 31].

Não é sem consequência que a *coisa/irmão* pode ser referenciada a esse mito freudiano, na medida em que o irmão enquanto tal se descola do imediatismo da *Coisa*. É nessa condição de separação que abre certo ponto em que a criança pode vir a realizar a presença do objeto para sua mãe. Um salto se instala aí para configurar uma nova perspectiva de apropriação da linguagem, da fala, pela queda de um objeto.

É por essa via que o irmão se introduz como membro da família, não por direitos legais ou por deveres, mas sim movido por esse grande segredo da psicanálise que toca a dimensão do gozo. Dessa maneira, o irmão passa a ser guiado pelo Real da *Coisa*. No instante de escrevermos este trabalho, consideramos que a exigência de colocar em palavras uma resposta à questão “Que *coisa* é um irmão?” não poderá esgotar a possibilidade de emergir sempre outra palavra, sem visar ao imediato do resultado.

Algo de um processo de nomeação encontra-se em curso em que o nome não extingue e nem apaga o vazio inerente à palavra que foi brotada. Logo, importa mais fazer valer o trabalho de nomear que o advento do nome produzido, na ocorrência, o nome *irmão*. De fato, a nomeação deixa aberto o descontentamento em relação a colar o *irmão* à *Coisa*. Colar o irmão à *Coisa* evidencia uma recusa da condição fraterna. No fundo, queremos constatar que o *irmão*, abordado no nosso trabalho, traz a marca de um descolamento, de uma separação, porque não, dolorosa, advinda depois de um tempo em que ela se produziu. Essa separação testemunha um sempre algo a dizer. Finalmente, este nunca totalmente dito como momento de inadequação entre o simbólico e o real é a causa do nosso trabalho.

A família, em uma das leituras realizadas por Miller [2007: 83], passa a ser:

[...] um lugar inesgotável de interpretação, pois cada família tem um ponto de ‘não se fala disso’, não existe família sem esse ponto; isso pode ser o tabu do sexo ou falar da

falta de um ancestral. Nos centros dos assuntos de família, encontram-se sempre coisas proibidas.

“Que coisa é um irmão?” e *Esau e Jacó*

O romance *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, desenvolve-se no Rio de Janeiro, fim do século XIX, encontrando-se situado em um momento histórico distinto de grandes mudanças sociais e políticas. Trata-se de uma família tradicional, abastada, afeita aos salões da época; formada pelo banqueiro Augustinho Santos, que não se inteirava da educação dos filhos, e pela dona de casa Natividade, a quem cabia toda preocupação com os membros da família.

A notícia da gravidez de Natividade não foi bem recebida por ela. A princípio, Natividade só pensava nos compromissos sociais que iria recusar, em função da gravidez. Augustinho foi aos poucos convencendo a esposa das benesses de uma maternidade. O nascimento de gêmeos idênticos provocou tanta surpresa que nem nomes os pais tinham para lhes dar. As crianças eram tão idênticas que, para diferenciá-las, punham-se fitinhas coloridas. Pedro e Paulo foram os nomes escolhidos, a partir de uma revelação ocorrida durante as preces da tia Perpétua, irmã de Natividade, que morava com a família.

O nascimento dos filhos trouxe para Natividade uma grande questão. Ela queria saber se eles seriam bem-sucedidos na vida. Isso a levou a consultar uma vidente, que no meio da consulta perguntou a Natividade se os gêmeos brigaram no ventre. Sem certeza do que responder, ela disse que achava que sim, pois isso poderia justificar a causa dos constantes desconfortos que passou durante a gravidez. Esse significante *briga* marca Pedro e Paulo para sempre, tanto no campo amoroso quanto no mundo das ideias, e mesmo da política.

Pedro, médico, de caráter mais discreto, era monarquista. Paulo era advogado, agitado e republicano. Os irmãos enamoraram-se por Flora, que, por sua vez, amou os dois. Porém, nenhum dos três conseguiu aprofundar essa relação. Por sua vez, Flora, a quem foi deixada a decisão da escolha amorosa, enlouqueceu e morreu. Em outro momento do romance, os irmãos seguem a carreira política e tornam-se deputados, cada um em seu partido.

O significante *briga*, introduzido pela vidente desde o início do romance, parece fazer o laço da mãe com as crianças. Lembremos que, a princípio, Natividade resistiu à maternidade. Como, então, eliminar da relação fraternal isso que a singulariza? Natividade passa a vida tentando uni-los, e Pedro e Paulo sustentam sua união pela via da briga. Por

fim, mesmo assegurando à mãe, em seu leito de morte, que não brigariam mais, seguem sendo marcados pelo significante *briga*. O narcisismo, aliás, é um dos temas centrais do romance. Nestas duas passagens que se seguem, Natividade deixa explícito o lugar de seus filhos para ela:

- “[...] A mãe é que não precisou de grandes sinais externos para saber quem eram aqueles dois pedaços de si mesma”. [Assis, 1904: 40]
- “Amam-se em mim – respondeu ela, depois de formular essa frase na cabeça”. [Assis, 1904: 232]

Trata-se aqui de um amor entre mãe e filhos no qual um acordo total encontra-se garantido. De outra maneira, podemos dizer que nessa modalidade amorosa não há lugar para um terceiro. É um amor sem terceiro encontrando-se impotente para efetuar um corte, uma separação. Assim, esse amor só funciona no espelho fazendo de si *mesmo* uma regra moral aceita pelo consenso. No último capítulo do livro, emerge um diálogo entre dois personagens (o conselheiro Aires e o amigo deputado), que indica o quanto os irmãos eram semelhantes. Eis a passagem que faz um retorno à posição inicial dos irmãos:

- O Senhor que se dá com eles diga-me o que é que os fez mudar – concluiu o amigo.
 - Mudar? Não mudaram nada; são os mesmos.
 - Os mesmos?
 - Sim, são os mesmos.
 - Não é possível.
- [...] Aires sabia que não era a herança, mas não quis repetir que eles eram os mesmos, desde o útero. [Assis, 1904: 230-240]

Efetivamente, desde que frequentamos esta zona em que algo da *Coisa* não foi perdida, ficamos no fechamento que denega a alteridade.

Que coisa é um irmão e *Os complexos familiares*

A rivalidade imaginária presente no texto de Machado de Assis é apontada por Lacan, em seu texto *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, como consequência de um

fator fundamental na constituição do ego: a identificação. A importância da identificação é, ainda, mais uma vez reforçada no texto de Lacan [1938: 43] pela imagem que ele resgata do livro *Confissões*, de Santo Agostinho. Assim, no seu comentário realizado a propósito do ciúme presente no irmão desmamado, Lacan sustenta esse ciúme à identificação com o irmão de leite.

Nesse sentido, a imagem prevalecendo sobre o *eu* numa certa anterioridade lógica, encontrando-se antes do advento do *eu*, possibilita que, no fundo, o *eu* sinta ciúme de sua própria imagem. Dessa maneira, o irmão encarna a imagem de completude que permitirá ao sujeito, através da identificação, a configuração do corpo próprio, projetando-o para além da impotência motora e da imaturidade orgânica em que se encontrava imerso.

Ainda, com Lacan, sobre o complexo de intrusão:

A observação experimental da criança e as investigações psicanalíticas, demonstrando a estrutura do ciúme infantil, esclareceram seu papel na gênese da sociabilidade e, por aí, do próprio conhecimento enquanto humano. Digamos que o ponto crítico revelado por essas pesquisas é que o ciúme, em sua essência, representa não uma rivalidade vital, mas uma identificação mental. [Lacan, 1938: 43]

Além da identificação com a imagem responsável por estabelecer as bases para a formação do ego, podemos perceber que a *imago* também traz consigo uma rigidez importante, bem como uma simetria inversa que igualmente podemos constatar na oposição marcada entre os gêmeos do romance de Machado de Assis. É notável como cada um afirma o seu *eu*, contrapondo-se ao outro. Nesse aspecto, a captura e a pregnância da imagem revela algo de mortífero, tal qual o mito de Narciso nos permite constatar, posto que, ao permanecer preso a um ideal de completude, o sujeito fica fixado a um gozo mortífero.

Em *Complexos familiares*, Lacan, procurando definir o complexo de intrusão como complexo fraterno, recorre à constituição da imagem do corpo próprio. O complexo de intrusão ou fraterno é consolidado no momento da composição da imagem corporal que sustenta uma completude ilusória. Podemos dizer que o complexo de intrusão como correlato ao estádio do espelho é, todavia, a passagem necessária que sedimentará as bases para o complexo de Édipo.

Parece-nos crucial tentar estabelecer um pequeno comentário sobre a passagem do texto lacaniano em que o autor reconhece, no masoquismo primário, certo “momento dialético” que pulsa o sujeito a ultrapassar-se. Visando garantir esta “*aufhebung*”, “é a identificação

com o irmão que lhe permite consumir-se: ela fornece a imagem que fixa um dos polos do masoquismo primário”. [Lacan, 1938: 46]

Podemos recorrer a Freud [1917: 232], em *Uma criança é espancada*, quando ele descreve, nas diferentes fases em que são construídas as fantasias, o momento em que estas, ainda em transformação e inconscientes, especificamente, na segunda fase, tornam-se: “Estou sendo espancada pelo meu pai”. Aí, as fantasias assumem um caráter inequivocamente masoquista.

Na leitura realizada por Lacan dessa fase, ele sinaliza que Freud encontra a fórmula do masoquismo primordial. Nas suas palavras:

Ora, a fórmula dessa segunda fase nos interessa no mais alto grau. De fato ela nada mais é, do que a fórmula do masoquismo primordial. Esse intervém, precisamente, no momento em que o sujeito, em sua busca, encontra-se muito perto de sua realização como sujeito na dialética do significante. [Lacan, 1959: 140]

Estamos apontando esse momento de queda do sujeito, quando a criança cai do lugar imaginário, ilusão ideal que cede a operação de encontro do sujeito com o discurso.

Retomando Lacan em *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, ele também articula o desmame com o masoquismo primário. Surge essa articulação quando ele designa o desmame como fonte do desejo de morte, acrescentando que podemos observar esse fato nos jogos que indicam o encontro do sujeito com o significante (Lacan, 1938/2003, p. 46).

Como sabemos, Freud, na observação dos jogos de seu neto com o carretel, constatou que, de maneira incansável, renovava o rejeitar um objeto para fora do campo visual. Esse Fort-Da cria as condições para que seu neto lide com a separação em curso.

Bibliografia

- Assis, M., *Esau e Jacó*. Martin Claret: São Paulo. Obra original publicada em 1904. 2012.
- Freud, S., (1917) Uma criança é espancada. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas*. Vol. 11, Rio de Janeiro: Imago. 1976, pp. 223-253.

- Freud, S., (1912 [1912-13]) Totem e tabu. *Obras completas*. Vol. 11. Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras. 2012, pp. 13-244.
- Lacan, J., (1949) O estádio do espelho como formador da função do eu. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.
- Lacan, J., (1938) Os complexos familiares na formação do indivíduo. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.
- Lacan, J., (1969) Nota sobre a criança. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.
- Lacan, J., (1960) *O triunfo de religião, precedido de, Discurso aos católicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.
- Lacan, J., (1971). *Seminário, livro 18. Um discurso que não seria de semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2009.
- Lacan, J., (1958-1959) *O seminário, livro 6. O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2016.
- Miller, J.-A., (2007) Assuntos de família no inconsciente. *aSEPHallus Revista de Orientação Lacaniana*, 2 (4), 80-84. 2007. Disponível em:
http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/asephallus04.pdf.